

Mercado S/A



AMAURI SEGALLA
amaurisegalla@diariosassociados.com.br

6 Campanha de marketing da XP, batizada #EuNãoBanco, tem por estratégia se diferenciar dos bancos tradicionais

Vivo desconecta 3 milhões de linhas móveis compradas da Oi

A operadora Vivo começou a ajustar a operação após comprar, em junho passado, ativos da Oi. A empresa controlada pela Telefônica Brasil desconectou 3 milhões de acessos móveis incorporados na transação. É muita coisa: o volume equivale a quase um quarto dos 12,5 milhões de clientes recebidos pela tele na aquisição, realizada em conjunto com TIM e Claro. Das 3 milhões de linhas desligadas, 797 mil eram pós-pagas e 2,2 milhões, pré-pagas. Segundo a Vivo, todos eram usuários inativos.

Comércio eletrônico dobrará de tamanho no Brasil até 2026

Com a volta da normalidade no pós-covid, muitos analistas disseram que o comércio eletrônico perderia força no Brasil. Não é bem assim. Segundo estudo encomendado pela plataforma de pagamentos Nuvei e desenvolvido pela Americas Market Intelligence (AMI), as vendas pela internet deverão dobrar de tamanho no país até 2026, crescendo ao ritmo de 20% ao ano. Outro dado interessante do levantamento: o mercado brasileiro responde por cerca de 40% do e-commerce na América Latina.



A solução do governo para um problema é usualmente tão ruim quanto o problema"

Milton Friedman (1912-2006), economista americano que venceu o Prêmio Nobel em 1976

XP e Febraban entram em rota de colisão

A indústria financeira está em guerra. Nesta semana, a XP lançou uma campanha de marketing, batizada #EuNãoBanco, que tem por estratégia se diferenciar dos bancos tradicionais. Nela, a XP destaca que não cobra tarifas em sua conta digital e sugere que o consumidor pode gastar o dinheiro que economiza com outras coisas. Incomodada com a mensagem, a Federação Brasileira de Bancos (Febraban) reagiu de forma incisiva. "A mais recente provocação surgiu nesta semana, vinda de uma instituição que integra a Febraban, mas nega a si própria com o título #EuNãoBanco", disse Isaac Sidney, presidente da Febraban. "Essa instituição é, sim, um banco, mas procura estabelecer alguma distância de seus pares. Ela pratica as mesmas atividades de um banco, preferindo fingir que vive em um universo paralelo. Parece ter vergonha daquilo que é." Nascida como corretora, a XP lançou a sua conta digital sem tarifas em junho passado.

Reprodução



Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Carros elétricos avançam e contribuem para redução de CO2

Os carros elétricos são uma força sem freio. Até o fim do ano, eles deverão responder por 13% das vendas totais de carros leves no mundo. Em 2021, representavam 9%. Em 2020, 6%. Segundo ambientalistas, a crescente adoção desses automóveis tem contribuído para a redução das emissões de CO2 e certamente ajudará o planeta a cumprir metas ambientais. O Brasil está na contramão do mundo. Por aqui, os elétricos, que têm preços nas alturas, ficaram em 2022 com apenas 2,3% dos emplacamentos.

RAPIDINHAS

- » A EQI Investimentos promove, entre 7 e 11 de novembro, a sétima edição da Money Week, um dos principais eventos da indústria financeira do país. A EQI espera que 70 mil pessoas se inscrevam para acompanhar digitalmente as palestras. Também haverá um encontro presencial, em 10 de novembro, em São Paulo.
- » Entre os participantes da Money Week estarão nomes como Luís Stuhlberger, gestor do consagrado fundo Verde, Louise Barsi, economista e filha de Luiz Barsi, um dos maiores investidores pessoa física da bolsa brasileira, e o ex-nadador Thiago Pereira, medalhista de prata na Olimpíada de Londres, em 2012, e agora empreendedor.
- » A petroleira francesa Total Energies comprou 34% do braço de geração da Casa dos Ventos, uma das maiores empresas de projetos eólicos do Brasil. O negócio está avaliado em R\$ 4,2 bilhões. Controlada pelo empresário Mário Araripe, ex-dono da fábrica de jipes Troller, a Casa dos Ventos detém um quarto dos empreendimentos de energia renovável em operação no país.
- » A área agrícola do Brasil triplicou em 37 anos, conforme levantamento realizado pelo MapBiomas a partir de imagens de satélite. Em 1985, a atividade ocupava 19 milhões de hectares. Em 2021, eram 62 milhões de hectares. Segundo o estudo, soja, arroz, cana e algodão foram as culturas que puxaram a expansão.

50,1%

dos consumidores brasileiros planejam comprar na Black Friday, que ocorrerá em 25 de novembro. No ano passado, o índice era de 25,7%, segundo estudo da plataforma Reclame Aqui

FINANÇAS

BC mantém juros em 13,75%

Taxa básica não muda, apesar da queda recente da inflação. Comunicado do Copom indica preocupação com o quadro fiscal

» ROSANA HESSEL

N a penúltima reunião do Comitê de Política Monetária (Copom) deste ano, o Banco Central manteve a taxa básica de juros da economia (Selic) em 13,75% ao ano, nível em vigor desde o início de agosto, como esperado pelo mercado. A decisão do colegiado foi unânime e ajudou a manter o Brasil na liderança do ranking mundial de juros reais (descontada a inflação), com taxa de 7,80% ao ano — bem acima da média de 2,11% negativos dos 40 países listados pela Infinity Asset Management, que fez um cálculo com base no custo de vida projetado para os próximos 12 meses.

O comunicado divulgado após a reunião foi mais breve do que os anteriores, mas alertou sobre incertezas, tanto no cenário interno quanto no externo. O Copom não indicou o que fará na última decisão do ano, em dezembro, mas deixou a janela aberta para futuras altas nos juros, caso for necessário. Com isso, sinalizou que está preocupado com a piora das contas públicas, apesar das declarações do ministro da Economia, Paulo Guedes, de que o fiscal "continua forte".

Para analistas, o comunicado mais sucinto, às vésperas das eleições de segundo turno, no próximo domingo, evita deixar margem para interpretações adicionais. "O comunicado devia ser curto, pois as expectativas de inflação mais baixas poderiam ter interpretação política", destacou o ex-diretor do Banco Central Carlos Thadeu de Freitas Gomes, assessor externo

de economia da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC). "Foram bem corretos em dar um comunicado curto porque, assim, não deixam espaço para polêmica. O ambiente doméstico está cheio de incertezas, e ainda não sabemos até onde a queda recente da inflação se sustenta", destacou a economista Juliana Inhasz, professora do Insper, em referência à deflação registrada entre julho e setembro, após a redução de impostos estaduais e federais sobre combustíveis.

Janela aberta

Ao justificar a decisão no comunicado e destacar incerteza do cenário, o Copom ressaltou que se manterá vigilante, "avaliando se a estratégia de manutenção da taxa básica de juros por período suficientemente prolongado será capaz de assegurar a convergência da inflação". Em seguida, enfatizou que os passos futuros da política monetária "poderão ser ajustados e não hesitará em retomar o ciclo de ajuste caso o processo de desinflação não transcorra como esperado".

Sergio Vale, economista-chefe da MB Associados, avaliou que o BC condicionou a redução dos juros à questão fiscal, pois o tamanho do déficit público no ano que vem ainda é uma incógnita, podendo chegar a mais R\$ 400 bilhões, como alertou o ex-ministro da Fazenda Henrique Meirelles com base em dados da Fundação Getúlio Vargas (FGV). "O Banco Central está em compasso de espera. Só vai fazer mudança nos juros se houver uma nova regra fiscal a contento. Por

Raphael Ribeiro/BCB



Sede do Banco Central: cenário de incerteza recomenda cautela

isso, o Copom manteve a aberta a possibilidade de nova alta da Selic se essa nova regra não for bem desenhada", explicou Vale.

Roberto Padovani, economista-chefe do Banco BV, avaliou que a mensagem principal do BC no comunicado foi de cautela, porque existe um cenário econômico de incerteza elevada, com dúvidas sobre os choques globais nos preços, e, por outro lado, risco de uma desaceleração global mais forte, que pode bater nos preços das commodities e gerar uma desinflação mais rápida. Outro motivo da cautela é a necessidade do Banco Central de assegurar não só o processo desinflacionário no país, como também uma convergência mais clara em direção às metas de 2023 e de 2024, cujos tetos são de 4,75% e de 4,50%,

respectivamente. "Considerando todo esse cenário, o Banco Central passou uma mensagem de cautela, que não faz mudar nossas projeções", disse Padovani, que mantém a previsão da Selic em 13,75% até junho do ano que vem.

O consenso entre analistas, aliás, é de que o próximo governo, seja ele qual for, terá que recuperar a confiança de que vai controlar os gastos públicos com um novo arcabouço fiscal, pois o teto de gastos deixou de ser respeitado pelo atual governo após inúmeras alterações na regra. "Apesar da melhora da inflação, ainda há fatores domésticos e externos que fazem o BC manter essa vigilância na manutenção da taxa de juros. Por isso, o BC não vai se comprometer com o timing para a redução das

No topo

Ranking mundial de juros reais		
Colocação	País	(% ao ano)
1	Brasil	7,80
2	México	5,37
3	Colômbia	5,16
4	Chile	4,83
5	Hungria	3,72
6	Hong Kong	2,94
7	Indonésia	2,75
8	Filipinas	2,19
9	Índia	1,48
10	África do Sul	1,44
40	Argentina	-20,64
Média		-2,11

Fontes: Banco Central e Infinity Asset Management

Dívida pública recua 0,5%

» RAFAELA GONÇALVES

A Dívida Pública Federal recuou 0,5% em setembro, totalizando R\$ 5,75 trilhões. Segundo os dados, divulgados, ontem, pela Secretaria do Tesouro Nacional, foi o terceiro mês seguido de queda. Em agosto, o endividamento era de R\$ 5,78 trilhões.

A retração, segundo o Tesouro, está relacionada ao alto volume de vencimentos de títulos públicos, no valor de R\$ 186,4 bilhões no mês passado. Ao mesmo tempo, a instituição emitiu R\$ 110 bilhões em novos papéis. Com isso, foi registrado um resgate líquido de R\$ 76,4 bilhões. Já as despesas com juros somaram R\$ 47,2 bilhões no período.

A reserva de liquidez, ou colchão da dívida pública, que compreende as disponibilidades de caixa destinadas exclusivamente ao pagamento da dívida e o saldo em caixa dos recursos oriundos da emissão de títulos, apresentou queda de 10% em termos nominais, passando de R\$ 1,15 trilhão, em agosto, para R\$ 1,03 trilhão, em setembro.

"O mês de setembro foi marcado por fortes ajustes nos mercados externos, em decorrência dos esforços dos principais bancos centrais em conter a inflação. Nos EUA, com inflação e mercado de trabalho ainda resilientes, os dirigentes do Fed fizeram discursos mais duros, reforçando as apostas em continuação das altas de juros", informou o relatório do Tesouro.